



Multiculturalismo

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

Clóvis Ecco

Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), professor da FacUnicamps, Goiânia, GO - Brasil, e-mail: clovisecco@uol.com.br

Andrea Semprini é um dos maiores especialistas e conselheiro de numerosas empresas multinacionais com marcas de grande prestígio. Para Semprini (1999), investigar a partir de uma postura culturalmente relativista é tarefa fundamental em nossos dias, na medida em que esse fenômeno é indicador de uma crise que atinge a própria modernidade. Dito isso, a tarefa que o autor se propõe a realizar no livro *Multiculturalismo* é analisar as complexas implicações históricas e manifestações culturais no mundo contemporâneo.

Na gênese do livro, apresentam-se três objetivos: primeiro, investigar os principais aspectos do multiculturalismo nos Estados Unidos. Em segundo lugar, mostrar que o multiculturalismo suscita problemas teóricos complexos e contraditórios, em relação ao papel da linguagem, à construção da identidade e à própria concepção da realidade e do conhecimento. E, por último, evidenciar a necessidade de se considerar o multiculturalismo como uma tarefa fundamental na discussão hodierna, sobretudo

quando esse fenômeno é indicador de uma crise que atinge a própria modernidade (SEMPRINI, 1999).

Para Semprini (1999), o multiculturalismo implica três momentos: em primeiro lugar, coloca em evidência a questão da diferença; em um segundo momento, ele levanta a problemática do lugar e dos direitos da minoria com relação à maioria, para afirmar a identidade e o reconhecimento das minorias; e, por fim, concentra sua atenção à agregação de grupos com identificação étnica estruturada a partir de um mesmo *ethos*. Grupos esses que, na maioria das vezes, a própria situação de exclusão os leva a se reconhecer.

A perspectiva multicultural, segundo Semprini (1999), permite críticas às estratégias de reparação das minorias como, por exemplo, as quotas raciais. Segundo o autor, elas “não objetivam a reparação de uma injustiça que os punidos não são pessoalmente responsáveis” (p. 49). Além do mais, não aumentam o número de diplomas entre as minorias e restringem as vagas para os demais, provocando um ambiente hostil e de perda de autoestima para os assistidos.

De acordo com Semprini (1999), a multiculturalidade evidencia que não resolve o fato do grupo da minoria chegar a se perceber como uma minoria, mas ir além disso, ser percebido como minoria pelo espaço social que o circunda. A sociedade como um todo precisa entender as condições históricas e socioeconômicas que provocaram o surgimento de certos grupos ou movimentos sociais de cunho reivindicatórios. “Essas reivindicações sinalizam por fim a importância, nas sociedades contemporâneas, da questão do reconhecimento do outro” (p. 60).

Ao tratar do tema do “politicamente correto”, analisado na perspectiva multicultural, o autor afirma que houve uma apropriação infeliz da referida expressão. Ela foi tomada do jargão stalinista dos anos 1950 que designava obediência irrestrita ao comitê central, recebendo, com isso, conotação detestável pela sociedade. O acúmulo do uso dessa expressão para designar ou desqualificar reivindicações de diferentes categorias sociais alertou numerosos intelectuais contra esse novo “eufemismo linguístico”, ou seja, mudam-se expressões, mas, por outro lado, não vai modificar a percepção que os indivíduos e a sociedade têm sobre determinada realidade histórica. O fato de chamar um negro de “afro-americano”, em vez de “preto”, não vai mudar a relação de discriminação.

Na análise do terceiro aspecto, Semprini (1999) afirma que o multiculturalismo é parte de uma cultura relativista. Suscita uma reação ao positivismo e aos paradigmas dualistas e realistas que haviam dominado a cena intelectual por mais de um século. Nas últimas décadas, despertou-se um interesse maior pelos valores sociais e a recusa de qualquer possibilidade de conhecimento unificado e objetivado do mundo. Adotar um posicionamento multicultural aflige nossas escolhas comportamentais e implica aceitar a heterogeneidade que forma nosso mosaico social (SEMPRINI, 1999).

Um dos princípios norteadores da vertente multicultural considera a realidade como uma construção. Sob essa perspectiva construtivista, identidades de grupos minoritários ou subalternos aparecem como resultado de uma evolução sociohistórica, e não biológica. Isso se deve ao fato de as identidades refletirem escolhas políticas e interações contínuas com as outras “entidades do espaço social” (SEMPRINI, 1999).

Outro pressuposto multicultural, segundo Semprini (1999), evidencia que as interpretações são essencialmente intersubjetivas, sociais e públicas. A “epistemologia cultural” está apoiada nas recentes teorias da linguagem, apontando para a importância da construção do significado nas narrativas e também para o fato de que a “interpretação é essencialmente um ato individual”. Além disso, o multiculturalismo dimensiona o conhecimento como um fato político. O conhecimento é posicionado; não há conhecimento neutro ou objetivo, pois ele reflete crenças e visões de mundo. A classe média americana é o protótipo desse posicionamento social e político. “Ela é principalmente um estado de espírito, um estilo de vida, uma identidade comum, um sistema de valores partilhados, uma vontade de participar de uma verdadeira cultura” (p. 112).

Para Semprini (1999), o fator sociocultural tem igualmente a capacidade de redefinir o espaço social. “Essa transformação deve ser posta em relação à crise do paradigma político e sua incapacidade de sugerir um modelo adequado para o arranjo do espaço social (p. 116). No entanto, o grupo cultural predominante no espaço público precisa ser constantemente repensado na sua concepção de sistema, enquanto os grupos étnicos periféricos lutam para impor suas próprias ideias.

Assim, a partir do momento em que o poder de configuração da dinâmica social deixa o universo econômico, político e tradicional e se desloca

para a dimensão cultural, os símbolos e valores se tornam os seus principais vetores de forças. Por isso,

as guerras culturais podem ser, então compreendidas como um conflito para preservar ou conquistar o controle das representações e significações, como uma luta para modificar as relações de força semiótica, como uma guerra para determinar e de distribuição dos discursos sociais (p. 121).

A partir desse deslocamento, para Semprini (1999), os Estados Unidos, constituem o exemplo mais acabado de manipulação na construção da realidade e das identidades sociais. Chama-se de multiculturalismo combinado, ou seja, “transfere a resolução dos conflitos e desigualdades para o universo da representação simbólica”. Como exemplo desse posicionamento, Semprini (1999) cita a abertura dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. O objetivo era mostrar que os Estados Unidos haviam conseguido curar as chagas racistas do passado e integrar os negros na história. Só que o dia a dia dos negros naquela cidade degrada-se cada vez mais.

Semprini (1999) se refere a várias formas de multiculturalismo e pergunta se pode haver um espaço público multicultural. Afirma o autor que é impossível haver um espaço multicultural sem respeitar as instâncias individuais e, sobretudo, as exigências das minorias não deveriam ser consideradas dados sociais e objetivos historicamente fundamentados e estáveis. “O espaço multicultural é antes de tudo um espaço de sentido. Uma semiosfera onde [há] a circulação dos bens e outros benefícios materiais” (p. 146).

Nas sociedades democráticas liberais, uma das balizas constitucionais para a própria sociedade se integrar e ser legitimada em seus princípios civis e morais consiste, necessariamente, em aceitar a diversidade. Para Semprini (1999), a solução encontrada para se conseguir tal reconhecimento foi um contrato tácito que consiste, essencialmente, em “diluir” a noção de diferenças sociais na promessa de igualdade civil. Como jamais houve equidade nesse pacto, surgiu uma outra forma de diferença, a desigualdade. As ciências sociais e biológicas têm ajudado a compreender o conceito de diferença no centro de suas epistemologias, pois mostraram que nem “a evolução humana, nem o pensamento, nem o sentido

são concebíveis sem a diferença, a mistura, os efeitos combinatórios que só a diferença torna possíveis” (p. 157-158).

Nessa perspectiva, o multiculturalismo pode ser considerado como um revelador da profunda crise nas sociedades ocidentais. Para a ideologia da igualdade, a cultura política ocidental enxerga a diferença como uma ameaça à cultura e à identidade preponderante.

Para Semprini (1999), o conflito de classe é redefinido sob a forma de “fratura social”. A crise ultrapassa o paradigma político e define-se como a crise da modernidade. Pensava-se a humanidade de forma universal. No entanto, era apenas um simulacro de uma monocultura de um povo branco e europeu, estruturado a partir do espaço público “igualitário”. Na verdade, fechavam-se as portas para o outro: negro, índio, cigano...

Segundo Semprini (1999), o multiculturalismo é um dos frutos da crise da modernidade. A proposição é a mudança de paradigma político para um paradigma ético. A modernidade havia separado tacitamente essas duas dimensões em nome da liberdade individual. Como resposta ao simulacro da “igualdade”, oferece-se o aumento de poder da ética da garantia de uma maior liberdade política. A partir dessa perspectiva, a ética exerce maior pressão sobre as representações coletivas nos espaços públicos, permite que o direito possa cumprir o seu papel no desenvolvimento do paradigma ético, ou seja, possibilita a viabilização da colisão entre as esferas privada e pública, para resolver conflitos como: sexismo, assédio sexual, casos de racismo, violência doméstica.

Portanto, a “experiência da diferença fortalece o argumento relativista, mostrando que existem caminhos diferentes para se chegar à “verdade” e que esta se acha sempre dentro de uma malha conceitual, social e histórica” (p. 167).

Recebido: 10/10/2010

Received: 10/10/2010

Aprovado: 05/12/2010

Approved: 12/05/2010